



RELISE

AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS GRADUANDOS¹

EVALUATION OF GRADUATES' FINANCIAL KNOWLEDGE LEVEL

Silvio Paula Ribeiro²

Marçal Rogério Rizzo³

Tamires Sousa Araújo⁴

Geraldo Luiz Filho⁵

Raphael de Araújo Coelho⁶

RESUMO

A importância de gerir os recursos e organizar despesas e receitas é fundamental no processo de educação financeira dos indivíduos. Assim, o objetivo deste artigo foi identificar o nível de conhecimento financeiro na perspectiva de graduandos. A população desta pesquisa corresponde a jovens graduandos em Ciências Contábeis e Administração de uma universidade federal situada no interior do estado de Mato Grosso do Sul. Para tanto, realizou-se um levantamento por meio de um instrumento de pesquisa, semiestruturado, via *Google Docs*. Foi possível constatar um nível de conhecimento mediano de educação financeira por parte destes jovens, em que a maioria dos respondentes dizem buscar conhecimento, além dos oferecidos pela graduação, lê ou vê matéria sobre economia, organizam o orçamento mensal, e dizem que investir é melhor do que poupar.

Palavras-chave: educação financeira, finanças pessoais, acadêmicos, universidade federal.

¹ Recebido em 13/06/2023. Aprovado em 27/03/2026. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.10828185

² Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul. spribeiro@hotmail.com

³ Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul. marcalprofessor@yahoo.com.br

⁴ Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul. tamiresousa124@hotmail.com

⁵ Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul. geraldo.filho@ufms.br

⁶ Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul. raphaelcoelho70@gmail.com



RELISE

228

ABSTRACT

The importance of managing resources and organizing expenses and income is fundamental in the process of financial education for individuals. Thus, the objective of this article was to identify the level of financial knowledge from the perspective of undergraduates. The population of this research corresponds to young graduates in Accounting and Administration from a federal university located in the interior of the state of Mato Grosso do Sul. To this end, a survey was carried out using a semi-structured research instrument via Google Docs. It was possible to ascertain a medium level of knowledge of financial education on the part of these young people, in which most respondents say they seek knowledge, in addition to that offered by graduation, read or watch material on economics, organize the monthly budget, and say that investing is better than saving.

Keywords: financial education, personal finance, academics, federal university.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a Serasa Experian e o Banco Central do Brasil registram taxas crescentes de inadimplência dos consumidores, fator nocivo para os indivíduos e para a economia do país como um todo (SANTOS; NETTO, 2020). Em 2019, já se percebia o alto índice de endividamento dos jovens, em uma pesquisa publicada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), a maioria dos jovens de idade entre 18 e 29 anos eram inadimplentes, representando cerca de 12,5 milhões de jovens brasileiros. A pesquisa de abril/2023 do Serasa apresenta que “as faixas etárias com as maiores fatias da população com nome restrito são de 24 a 40 anos e 41 a 60 anos, cada uma delas representando 34,8% do total dos inadimplentes (SERASA, 2023). O estudo de Caproni (2013) evidencia que a inserção dos jovens no mercado de trabalho, sem o conhecimento de finanças pessoais impulsionou a inadimplência dos jovens.

Merece destaque especial o enfoque dado à discussão da necessidade de administrar os recursos, organizar suas despesas e receitas é de notória importância para o progresso das finanças pessoais de cada indivíduo. E claro, isso precisa ser praticado desde criança, pois é uma questão de educação.



RELISE

229

Certamente isso contribui para que o indivíduo possa viver financeiramente mais tranquilo, podendo conquistar sonhos e objetivos. McCormick (2009) discorre que tempos de dificuldades financeira são momentos para aprendizagem para crianças e jovens, quanto a educação financeira, porém não há consenso de qual estratégia é a mais válida para ensiná-los.

Seleme (2012) aponta que o conhecimento financeiro pode auxiliar as pessoas – tanto em suas atividades profissionais como em suas atividades pessoais a atingir seus próprios objetivos ou os que lhes são impostos. Assim, o objetivo principal deste artigo foi identificar o nível de conhecimento financeiro na perspectiva de graduandos. Sendo assim, a questão de pesquisa é qual o nível de conhecimento financeiro de graduandos em Ciências Contábeis e Administração? A população desta pesquisa corresponde na maioria a jovens graduandos em Ciências Contábeis e Administração de uma universidade federal situada no interior do estado de Mato Grosso do Sul.

Nesse sentido, cabe informar que esse público estuda temas relacionados à área financeira em suas estruturas curriculares obrigatoriamente impostas pelo Ministério da Educação (MEC), e, portanto, devem possuir condições para responder ao instrumento de pesquisa. Justifica-se esta pesquisa pela necessidade de abordar temas relacionados aos jovens e seu nível de educação financeira, visto o índice de endividamento crescente entre os jovens (SERASA, 2023). Frisancho (2020) apresenta que há evidências científicas da relevância da educação financeira, porém esses estudos são escassos quanto a evidenciar os potenciais efeitos na aprendizagem dos jovens. Estudos sobre a educação financeira contribuem para evidenciar a importância de discutir educação financeira dentro das Universidades.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA



RELISE

Vale dizer que o crédito pode ser a solução, assim como o problema. Tudo dependerá de como for a relação entre o credor e ele. A educação financeira tem um papel preponderante nesta relação.

O conceito de crédito explicado por Matos (2002) afirma que o crédito está relacionado com o nível de atividade econômica ao realocar os recursos disponíveis para a economia. Chinelatto Neto (2007) coloca que diante da relativa fragilidade do mercado de capitais e de um sistema financeiro distintamente bancário. Logo, entende-se que o setor bancário afeta o desenvolvimento econômico por meio da intermediação financeira através do crédito, efetivado através do efeito multiplicador da renda (CHINELATTO NETO, 2007).

Destaca-se que o crédito é um instrumento importante para impulsionar a atividade produtiva de um país. Aliado a isso, muitos países disponibilizam o crédito para os seus agentes econômicos em níveis superiores ao volume de bens e serviços produzidos pela economia (SOARES; MELO SOBRINHO, 2007).

A disponibilização de crédito a uma economia é fundamental para que se possa determinar o nível de investimento e a trajetória de crescimento da economia como um todo e que, por isso, o uso do crédito é algo comum tanto em mundos desenvolvidos quanto naqueles em desenvolvimento (TORRES FILHO, p. 48, 2009). Contudo, pesquisas apontam que o cartão de crédito é o maior responsável pelo endividamento do brasileiro, onde mais da metade da população brasileira (66,6%) está endividada. Sendo que, 77,6% se referem a dívidas com cartão de crédito (CNC, 2020).

Essa condição traz preocupação para a sociedade, a satisfação dos desejos pode ser realizada por meio de compras e de forma imediata. Por consequência, os jovens estão sendo habituados ao consumo inadvertido, ou seja, é um problema que está sendo passado de geração em geração



RELISE

(PELICIOLI, 2011). Os números refletem que desde jovens, os brasileiros se endividam. Dados apontam que 25% da população negativada no Brasil tem de 18 a 30 anos (MACHADO, 2019).

No entanto, o problema do endividamento dos jovens não ocorre somente no Brasil. Para Bauman (2010), tornar-se inadimplente, na atualidade, não é uma tarefa difícil. O autor observou, na Grã-Bretanha, que os benefícios econômicos das empresas de cartão de crédito não eram os titulares que mantinham pagamentos regulares e dentro dos prazos, mas os que incorriam em encargos financeiros após o prazo, sujeitos a juros e a multas.

Compreende-se, então, a existência de um ambiente que estimula o consumo e beneficia-se do endividamento dos indivíduos. Dessa forma, o crédito pode ser entendido como um negócio atrativo para quem o concede, porém, ser prejudicial para o usuário, ao gerar riscos à renda ou à subsistência (SILVA; SOUZA; FAJAN, 2015). Desta forma, pesquisas que apontam a situação financeira dos jovens podem contribuir com orientações aos mesmos. E os gestores públicos podem oferecer políticas relacionadas à educação financeira destes indivíduos.

Ocorre que o conhecimento financeiro se tornou imprescindível a todo o ser humano, deixando de ser atributo apenas de profissionais das áreas de administração, contabilidade e economia. Tendo-se em vista que não basta possuir uma boa renda é preciso geri-la de maneira eficaz (TREVISAN *et al.*, 2007).

Existe emergência de recomendações de governos nacionais para educar os consumidores (BUAES, 2015). Conforme Sobianek *et al.* (2021) é necessária a aplicação do tema, educação financeira, na grade curricular do ensino básico para suprir as deficiências dos estudantes. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (2018), o ensino de finanças é de competência das instituições de ensino e passou a ser obrigatório após o ano de 2020, no ensino



RELISE

infantil e fundamental, com o intuito de formar adolescentes autônomos quanto ao assunto finanças.

Em relação à educação financeira destacou que a influência exercida pela OCDE não foi suficiente para despertar a atenção imediata do governo e aponta um conjunto mais complexo de fatores e atores que, orquestrados, propiciaram a convergência de fluxos que resultou na ascensão do tema à agenda de decisões (RIBEIRO; RIZZO; SCARAUSI, 2020).

Contudo, a educação financeira perpassa o aprender a economizar, cortar gastos desnecessários, poupar e acumular quantias financeiras. Ser educado financeiramente proporciona qualidade de vida melhor às pessoas, além de proporcionar a segurança material necessária para aproveitar os prazeres da vida e obter uma garantia para eventuais imprevistos (DAU, 2021). No entanto, a população está longe de atingir uma educação financeira favorável ao estilo de vida saudável.

Dados do Banco Mundial corroboram com a importância da Educação Financeira para os indivíduos, já que apenas 3,64% da população brasileira procura fazer economia. Os índices mais baixos do mundo são formados pela média na América Latina, de 10,6%; enquanto outros países emergentes, como México (20,85%), África do Sul (15,93%) e Rússia (14,56%), apresentam números melhores (DAU, 2021).

Conforme Cordeiro, Costa e Silva (2018, p. 70), “educação financeira nada mais é do que um processo de aprendizagem ligado às finanças pessoais, onde a sociedade tem a oportunidade de adquirir uma visão crítica sobre o uso do dinheiro”. Os pesquisadores Sobianek *et al.* (2021, p.41) afirmaram que “os estudantes tendem a ter um baixo nível de educação financeira, visto, a propensão de que eles priorizem mais os itens eletrônicos e achem menos importante gastar com estudos. Logo, no futuro, esses alunos podem ser menos poupadores”.



RELISE

Para o sucesso do planejamento é fundamental estabelecer metas reais, pois uma meta muito acima ou o corte de muitos gastos radicalmente pode provocar desmotivação do objetivo e de seguir o planejamento (DIAS; SANTOS, 2020, p.3180). E as finanças comportamentais é a área que procura compreender o processo de tomada de decisões dos indivíduos.

O surgimento das Finanças Comportamentais no meio acadêmico remete ao final da década de 70, com a publicação dos trabalhos de Kahneman e Tverski (1979) sobre o comportamento e o processo de tomada de decisão do ser humano em situações de risco.

Segundo Ribeiro, Rizzo e Scarausi (2020, p.34) “o tema vem ganhando espaço nas esferas administrativas e sociais”. Esta afirmação foi confirmada ao realizar levantamento no portal de *SPELL* utilizando o termo “educação financeira” como base de busca nos títulos dos documentos. Desta forma foi possível encontrar 37 artigos, no dia 19 de março 2023, sendo que 12 deles investigaram o tema junto aos jovens estudantes no ensino médio ou no ensino superior. Reuniu-se os 12 artigos no quadro 01.

Os indivíduos do gênero masculino, que estavam no terceiro ano do ensino médio e que cursavam o curso técnico em administração, demonstraram maior conhecimento sobre o tema (GUIMARÃES; IGLESIAS, 2021). Conforme Felipe, Ceribeli e Lana (2017), como não se encontrou uma forte relação entre os conhecimentos, atitudes e comportamentos financeiros dos indivíduos analisados, conclui-se que o nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários do norte do México é baixo. Porém, conforme ANZ (2003), a ausência de conhecimento financeiro não é totalmente assumida pelas pessoas.

Em pesquisa sobre influência do nível de educação financeira de um jovem em suas decisões de compra de smartphone, Silva et al. (2021, p. 314) afirmaram “a compra de smartphone não é influenciada pela alfabetização financeira, consciência do preço e a propensão de compra. A amostra apresenta



baixo nível de educação financeira dos jovens pesquisados, porém a propensão de compra é alta”.

Quadro 01 – Principais pesquisas sobre educação financeira de jovens

AUTORES	PRINCIPAIS RESULTADOS
Vieira; Bataglia; Sereia (2011)	Formação acadêmica contribui para a melhor tomada de decisões de consumo, investimento e poupança dos indivíduos, porém, os aspectos analisados não obtiveram relevância.
Fernandes e Candido (2014)	Um alerta se acende: estamos em rota de colisão. A atual geração não consegue administrar a si mesma, e suas principais esperanças estão em uma grade escolar ainda inexistente.
Silva <i>et al.</i> (2017)	O conhecimento financeiro advindo da escola é baixo, sendo necessário uma melhoria na qualidade deste conhecimento, nesta fase ou futuramente, inclusive na graduação. Por fim, os trabalhadores em potencial podem causar problemas sociais pela incapacidade de administrar seus recursos e/ou os gastos de suas famílias.
Minella <i>et al.</i> (2017)	Os jovens investigados têm a percepção de que mesmo diante da complexidade que o dinheiro representa, fazer economia pessoal torna-se fundamental para aquisição de bens que satisfaçam suas necessidades básicas e que lhes proporcionem conforto, bem como afirmam que o dinheiro não proporciona formas de autoridade e poder sobre os demais.
Amorim <i>et al.</i> (2018)	Destaca-se que os investimentos em educação financeira no país precisam ser aprimorados.
Andrade e Lucena (2018)	Os alunos atribuem importância a temas como planejamento financeiro, orçamento, poupança e investimento, entretanto não foram encontradas relações estatísticas com o nível de educação financeira dos alunos. Também foi possível verificar que os alunos mais educados financeiramente demonstram ter mais confiança para gerir as próprias finanças.
Carvalho e Scholz (2019)	A educação financeira é um tema de relevância para o aluno de ensino fundamental e médio, sendo essencial na formação de um cidadão consciente.
Sousa <i>et al.</i> (2019)	Verificou-se que os alunos possuem informações a respeito da prática da educação financeira e que os seus respectivos cursos auxiliam nessa função.
Dias e Santos (2020)	Existe a falta de planejamento e conhecimento sobre as estratégias de controle de gastos, confecção de orçamentos e tipos de investimentos para a execução financeira do orçamento familiar a curto, médio e longo prazo.
Sobianek <i>et al.</i> (2021)	Os estudantes: priorizam gastar mais com itens de menor relevância (presentes, computador, eletrônicos, livros e celular), costumam conversar com familiares assuntos relacionados a estudos e carreiras, mas tendem a achar menos importante os gastos com estudos.
Guimarães e Iglesias (2021)	Os estudantes apresentaram baixo nível de educação financeira, assim como visto na literatura internacional e nacional. Ademais, os discentes, cujas famílias possuíam mais de quatro salários-mínimos, também tiveram índices mais elevados.
Melo e Moreira (2021)	Demonstraram que embora os alunos tenham melhores resultados ao concluírem o curso de Ciências Contábeis, permaneceram com nível intermediário de conhecimentos financeiros, assim como ocorre com os alunos iniciantes.



RELISE

Fonte: adaptado pelos autores desta pesquisa (2023).

Para Ribeiro, Rizzo e Scarausi (2020, p.42), “a educação financeira é essencial no cotidiano dos jovens brasileiros para planejar um consumo mais consciente. Assim, deve-se partir da iniciativa pública o oferecimento de conhecimento financeiro aos estudantes”. Conforme Vieira, Bataglia e Sereia (2011), na discussão sobre educação financeira existem fontes de conhecimento que são também relevantes, como a experiência prática e a família, as quais devem ser melhor analisadas nas pesquisas sobre essa temática.

Contudo, destaca-se que

Não há uma educação financeira efetiva entre os jovens estudantes do ensino médio, o que transparece em achados como: parte dos jovens não são obrigados a explicar aos pais em que estão gastando seus recursos financeiros; os alunos têm adquirido, em boa parte, conhecimentos financeiros com pais e parentes, e na prática do dia-a-dia, porém há pouco diálogo, no ambiente familiar, sobre assuntos financeiros (SILVA *et al.*, 2017, p. 286-287).

Ademais, existe a necessidade de investir em programas de alfabetização financeira para auxiliar a população a melhor gerir seus recursos, o que pode impactar de forma positiva em suas decisões de poupança e consumo, assim como em seu planejamento de aposentadoria (FELIPE; CERIBELI; LANA, 2017).

Pesquisas sobre educação financeira contribuem para a maior discussão sobre a educação financeira, de modo a reforçar a necessidade de promoção de melhor formação e maior esclarecimento destes estudantes sobre este tema (GUIMARÃES; IGLESIAS, 2021). Conforme Medeiros e Lopes (2014), ao investigarem o tema junto aos alunos do curso de Ciências Contábeis afirmaram que “a maioria dos alunos pesquisados demonstrou ter consciência dos rendimentos ganhos, bem como saber lidar com suas finanças pessoais. Salienta-se ainda que, geralmente, costumam pagar as suas compras à vista, utilizando o dinheiro como forma de pagamento”.



RELISE

Tais estudos evidenciam que os respectivos estudantes possuem conhecimento quanto a educação financeira ao responder um instrumento de coleta de dados, porém os resultados sobre endividamento dos jovens ainda não estão mostrando tal conhecimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa buscou-se identificar o nível de conhecimento financeiro na perspectiva de graduandos. Para atender ao objetivo e responder à questão principal de pesquisa adotou-se de procedimentos de estatística descritiva, ao levantar dados junto aos discentes dos respectivos cursos.

Vale ressaltar que por meio da pesquisa de levantamento objetiva-se chegar à descrição, explicação e exploração do fenômeno proposto (BAPTISTA, 2016). Neste caso, a natureza da pesquisa é exploratória, por possibilitar ao pesquisador uma visão geral do tema (GIL, 2002). Especificamente, procurou identificar o conhecimento de educação financeira na perspectiva de graduandos dos cursos de graduação em Ciências Contábeis e Administração.

Utilizou-se da técnica de pesquisa classificada como *survey*, onde se coleta e adquire dados e informações relevantes sobre as características dos grupos de indivíduos (CRESWELL, 2010). Foram levantados dados junto aos discentes em Ciências Contábeis e de Administração de um câmpus de universidade federal instalada no interior do estado de Mato Grosso do Sul.

Para o levantamento dos dados fez se uso de um questionário com 29 perguntas de múltipla escolha, dividido em três partes com objetivo de descrever o perfil do estudante e, após pré-teste, buscou-se saber o conhecimento em Educação Financeira. Por fim, examinou se o conhecimento sobre finanças do respondente leva a comportamentos mais racionais nas decisões de compra. Sendo assim, a primeira parte do questionário teve por objetivo traçar um perfil dos respondentes, na segunda parte o objetivo foi avaliar o conhecimento dos



RELISE

respondentes em finanças. E para finalizar, a terceira parte procurou examinar se o conhecimento sobre finanças dos respondentes leva a comportamentos, mais racionais nas decisões de compras.

A população desta pesquisa corresponde ao total (306) de alunos matriculados nos respectivos cursos de graduação, no final do ano de 2021 e, foi abordada por meio de um instrumento de pesquisa, semiestruturado, via *Google Docs*. A amostra da pesquisa composta por 57 questionários respondidos e ocorreu por conta da acessibilidade, onde os pesquisadores utilizaram-se de grupos de *e-mail* e *whatsApp*, para chegar aos estudantes.

Os dados obtidos foram organizados em planilhas *excell*, o que proporcionou uma situação favorável à análise dos dados (médias e frequências de respostas), por meio da estatística descritiva. E os resultados foram apresentados em quadros e tabelas.

RESULTADO DA PESQUISA

Na primeira parte do questionário, o objetivo foi traçar um perfil da amostra da pesquisa. Sendo assim, o perfil foi apresentado na Tabela 01.

Tabela 01 – Perfil da amostra

CARACTERÍSTICAS	DETALHES	FREQUÊNCIAS	PERCENTUAIS
Cursos	Administração	25	43,9%
	Ciências Contábeis	32	56,1%
Idade	Entre 18 a 22 anos	29	50,9%
	De 23 a 29 anos	21	36,8%
	Mais de 30 anos	7	12,3%
Estado civil	Solteiros(as)	43	75,4%
	Parceiros(as)	10	17,5%
	Casados(as)	4	7,1%
Emprego	Tem	50	88%
	Não tem	7	12%
Renda familiar	Até 01 salário-mínimo	5	8,8%
	01 a 02 salários-mínimos	17	29%
	de 02 a 04 salários-mínimos	23	40,4%
	mais de 4 salários-mínimos	12	21,1%

Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa (2023).



RELISE

A amostra da pesquisa foi composta por 32 respondentes do curso de Ciências Contábeis e 25 do curso de Administração. Totalizando 57 respondentes dos dois cursos de graduação. Conforme a Tabela 01, evidenciase que a maioria dos respondentes 56,1% cursam a graduação em Contabilidade e 43,9% faziam Administração. Outros estudos abordaram a educação financeira na perspectiva de jovens estudantes na área de gestão (MEDEIROS; LOPES, 2014; FERNANDES; CANDIDO, 2014; AMORIM; LUCENA; GIRÃO, 2018; ANDRADE; LUCENA, 2018; SOUSA *et al.*, 2019; DIAS; SANTOS, 2020; MELO; MOREIRA, 2021).

Conforme Guimaraes e Iglesias (2021), o estímulo de jovens e adolescentes pelo conhecimento do tema Educação Financeira, resulta na formação de adultos mais conscientes na gestão dos orçamentos familiares. Conforme Silva *et al.* (2017, p. 286), “o conhecimento financeiro advindo da escola é baixo, sendo necessário uma melhoria na qualidade deste conhecimento, nesta fase ou futuramente, inclusive na graduação”.

Como os respondentes são graduandos, a faixa etária predominante é de jovens com até 30 anos de idade, percentualmente corresponde à 87,7% da amostra do estudo. Outros sete alunos (12,3%) com mais de 30 anos de idade completaram a amostra. Em relação à idade, o perfil da amostra é semelhante ao encontrado em outros estudos (ANDRADE; LUCENA, 2018; SOUSA *et al.*, 2019).

No item estado civil dos alunos, 75,4% (43) são solteiros; 17,5% (10) têm parceiros(as) e 7,1% (4) são casados. Conforme ANZ (2003) as pessoas solteiras apresentam um nível de conhecimento financeiro baixo, quando comparado aos indivíduos casados.

A análise de dados permitiu apontar que a maioria (88%) trabalham e a minoria (12%), não trabalhavam no momento de coleta dos dados desta pesquisa. Sendo assim, infere-se que a maior parte dos alunos gerenciam



RELISE

valores financeiros. Segundo Sobianek *et al.* (2021), quase 40% dos respondentes guardam parte dos recursos para gastar, conforme planejado.

Quanto à renda média familiar, 40,4% (23) afirmaram que recebem entre dois e quatro salários-mínimos, 37,8% (22) disseram receber até dois salários-mínimos. Outros, 21,1% (12) responderam que recebem acima de quatro salários-mínimos. Conforme Sobianek *et al.* (2021), a maioria dos respondentes (44% aproximadamente) possuem a renda familiar de um a três salários-mínimos. Segundo Salleh (2015), famílias de baixa renda apresentam menor nível de educação financeira em comparação as famílias com renda mais elevada.

Os respondentes da pesquisa residem nos municípios do estado de Mato Grosso do Sul, como: Três Lagoas, Água Clara e Selvíria. Outros, moram em municípios do estado de São Paulo, sendo: Adamantina, Andradina, Auriflora, Ilha Solteira e Mirandópolis.

A segunda parte do questionário teve como objetivo identificar a percepção de conhecimento sobre finanças. Os dados deram origem à Tabela 02.

A maioria 49,1% (28) afirmaram possuir conhecimento “razoável” sobre finanças, 19,3% (11) avaliaram o próprio conhecimento em finanças como “fraco ou muito fraco”. E, 31,6% (18) avaliaram o autoconhecimento relacionado às finanças como “bom ou muito bom”. Porém, como a amostra do estudo foi formada por estudantes da área de Administração ou Ciências Contábeis esperava-se um percentual melhor, entre aqueles que dominam a área. No entanto, ANZ (2003) afirmou que as pessoas as vezes não assumem a falta de conhecimento financeiro.

Pode-se afirmar que a maioria, também, 63,2% buscaram conhecimento sobre finanças pessoais, além dos oferecidos pela graduação. Porém, por conta da importância do tema, o fato de 36,8% não ter procurado conhecimento, além



RELISE

do conteúdo da graduação proporciona preocupação. Uma das possíveis soluções pode ser o oferecimento ou cobrança da educação continuada pelos órgãos de classes, como os conselhos profissionais. Vale ressaltar que, para Dias e Santos (2020), as pessoas informaram que não aprenderam ou aprenderam sozinhos a fazer a gestão de suas dívidas, contribuindo com o fato da grande necessidade em educar e disciplinar as pessoas em relação ao conhecimento e participação de forma mais ativa e consciente do mercado financeiro.

Tabela 02 – Percepção de conhecimento em finanças

CARACTERÍSTICAS	DETALHES	FREQUÊNCIAS	PERCENTUAIS
Conhecimento sobre finanças pessoas	Razoável	28	49,1%
	Bom	14	24,6%
	Fraco	7	12,3%
	Muito bom	4	7,0%
	Muito fraco	4	7,0%
Buscaram conhecimento além dos oferecidos pela graduação	Buscam	36	63,2%
	Não buscaram	21	36,8%
Lê ou vê matéria sobre economia, investimentos e finanças pessoais.	Sim	43	75%
	Não	14	25
Acompanham a taxa selic e de inflação, os índices IPCA ou IGP-M.	As vezes	29	50,9%
	Sim	17	29,8%
	Não	11	19,3%
Organizam seu orçamento mensal	Sim	51	89,5%
	Não	6	10,5%
Pretendem aprender mais sobre finanças	Sim	29	50,9%
	Não	23	40,4%
	Quando começar a ganhar mais	5	8,8%
Investir é melhor do que poupar	Sim	42	73,7%
	Não	15	26,3%
Investir é melhor do que poupar	Sim	33	57,9%
	Não	24	42,1%

Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa (2023).

O avanço tecnológico proporcionou maior acessibilidade as informações e diante disso, a maioria 75% (43) dos respondentes afirmaram ler ou ver matérias sobre economia, investimentos e finanças pessoais. Ademais, vale ressaltar que os alunos buscam mais informações, junto as seguintes fontes:



Facebook, Instagram, Youtube, livros, televisão, jornais e revistas. Contudo, as plataformas digitais são as fontes mais utilizadas pelos discentes.

Em relação ao acompanhamento dos índices mais importante da economia nacional, a variação da Taxa Selic (taxa básica de juros) e o de Inflação (IPCA, IGP-M), 50,9% (29) responderam que “as vezes acompanham”. Apenas, 29,8% (17) responderam que “sim, acompanham” e 11 (19,3%) não acompanham. Vale ressaltar que os índices podem influenciar bastante a vida financeira de todos, assim, acompanhá-los pode ajudar no momento de contratar um financiamento ou empréstimo.

Partindo para o hábito de organizar um plano mensal, 89,5% (51) responderam fazer o plano do mês e apenas, 10,5% (6) afirmaram não fazer. Considera-se a situação muito boa neste quesito, visto que este plano é o diagnóstico e isso se mostra ser o básico no processo de educação financeira.

Tal constatação vem ao encontro da metodologia DSOP que foi desenvolvida por Reinaldo Domingos e apresenta quatro pilares básicos para desenvolver o processo de educação financeira, sendo eles: Diagnosticar, sonhar, orçar e poupar. Neste caso, organizar o plano mensal faz parte, justamente da ideia de diagnosticar as receitas, despesas, desejos, dívidas e prestações (DOMINGOS, 2012).

Outro aspecto relevante é a continuidade na busca pelo conhecimento, 50,9% (29) pretendem buscar informações sobre educação financeira, imediatamente, 40,4% (23) “já estudou sobre, e pretende aprender mais”, 8,8% (5) só vão se mexer quando começar a ganhar mais. A maioria dos discentes pretendem continuar a educação financeira, fato esperado, já que os respondentes são estudantes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis.

A maioria dos respondentes, 73,7% (42) consideram fazer investimento, situação melhor que, apenas poupar, economizar gastos. E há uma supremacia



RELISE

daqueles que fazem investimentos, 57,9% (33), em relação aos que ainda não despertaram ou tiveram condições para aplicações financeiras.

Segue o quadro 02, com as principais fontes de investimentos praticadas pelos discentes.

Quadro 02 – Fontes de investimentos praticadas pelos alunos

FONTES DE INVESTIMENTOS	PERCENTUAIS DE ALUNOS
Caderneta de poupança	45,5%
Fundos de investimentos	24,2%
Ações	30,3%
CDB's (Certificado de Depósito Bancários)	30,3%
Tesouro direto	12,1%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os discentes que praticam investimentos utilizam as seguintes fontes, respectivamente: caderneta de poupança, fundos de investimento, ações, CDB's e tesouro direto. Outras fontes foram citadas, também, como meios de investimentos, 3% dos alunos fazem suas economias em compra e venda de gado, fundos cambiais, previdência privada e criptomoedas.

Não obstante, os motivos apontados pelos discentes que não praticam investimentos foram, 58,3% (14) responderam que por “condições financeiras” não conseguem poupar e investir, 18,5% (4) “não sabem”, 22,2% (5) por “insegurança” e, por fim 3,7% (1) assinalou “baixa rentabilidade nos investimentos”.

A última questão, deste item, refere-se a um exemplo, onde o rendimento de determinado investimento foi 1% ao mês e a inflação era de 2% ao mês. Depois de um ano, a capacidade de compra do valor aplicado foi apresentado no quadro 03.

Quadro 03 – Análise da situação do investimento em relação à inflação

CAPACIDADE DE COMPRA	ALUNOS	
	PERCENTUAIS	QUANTIDADE
Mais do que no início da aplicação	14%	8
Exatamente, o mesmo que hoje	10,5%	6
Menos que hoje (início da aplicação)	61,5%	35
Não sabe responder	14%	8

Fonte: Dados da pesquisa (2023).



RELISE

243

Vale ressaltar que a maioria, 61,5% (35) responderam a opção correta da situação, onde a capacidade de compra é menor que hoje (início da aplicação). No entanto, quase 40% (22) não souberam assinalar a situação certa, o que demonstra situação preocupante, já que a amostra do estudo foi composta por discentes que tem acesso a esse conhecimento, pelo fato de cursarem a graduação em Administração e Ciências Contábeis.

Por fim, na última parte do questionário, o objetivo foi examinar o comportamento dos discentes nas decisões de compra. As respostas nesse quesito foram reunidas, na Tabela 03.

Tabela 03 – Análise do comportamento dos discentes nas decisões de compras

CARACTERÍSTICAS	DETALHES	FREQUÊNCIAS	PERCENTUAIS
Prioridades diante de R\$ 1.000,00 disponíveis	Quitaria as dívidas	18	31,6%
	Aplicaria o dinheiro	16	28,1%
	Comprar algum bem durável	12	21,1%
	Outros investimentos	11	19,2%
Análise das condições de compra	A taxa de juros cobrada	37	64,9%
	O valor da parcela	17	29,8%
	O prazo	3	5,3%
Pagamento à vista ou a prazo	À vista	31	54,4%
	A prazo	24	42,1%
	Não sabem	2	3,5%
Financiamento residencial	Procuram juros menores	48	84%
	A questão dos juros não interfere	7	12,3
	Não sabem	2	3,7
Gastos no cartão de crédito em excesso	Resgataria recursos	39	68,4%
	Pagaria o mínimo	13	22,8%
	Pagaria com atraso	5	8,8%
Condições de pagamento antecipado de dívida	Quitaria a dívida	33	57,9%
	Não aceitaria	13	22,8%
	Negociaria	8	14%
	Não sabem	3	5,3%

Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa (2023).

Na primeira questão se você tivesse R\$ 1.000,00 disponíveis no mês para utilizar no que quiser, o que você faria? Foram muitas respostas, porém as que mais se destacaram foram: 18 alunos (31,6%) usariam o dinheiro para quitar uma dívida, 16 alunos (28,1%) usariam para aplicar o dinheiro no banco, 12 (21,1%) para comprar algum bem durável (carro, imóvel...). Nesta pergunta,



RELISE

244

também foi permitido ao respondente marcar mais de uma alternativa, a parte de investimento foi bastante citada nas respostas livres.

As duas mais respondidas são as mais coerentes, além de ser importante se livrar de uma dívida, quando você faz a liquidação antecipada, quebra os juros e paga apenas o capital financiado. Aqui se pode observar como o custo de oportunidade influencia a escolha do respondente, pois ele se vê entre o que ele pode consumir no presente e que poderá usar no futuro.

Caso queira adquirir um bem, mas não dispõe do valor para comprá-lo à vista e opta por uma compra parcelada, o que você leva em consideração no momento da compra? 37 alunos (64,9%) responderam que levam em conta a taxa de juros cobrada, 17 (29,8%) estudantes o valor da parcela e apenas 3 (5,3%) o prazo oferecido. Sempre é bom ter em mente que a taxa de juros no longo prazo castiga, então sim, temos que dar prioridade as taxas de juros ao analisar uma operação financeira.

Mais uma situação, digamos que uma mercadoria seja oferecida por R\$ 1.000,00, à vista ou em 10 parcelas mensais e iguais de R\$ 100,00. Qual forma de pagamento você escolheria, considerando que você possui o valor para o pagamento à vista (caso opte por este tipo de pagamento)? 54,4% responderam que pagariam “a vista”, 42,1% “a prazo” e 3,5% não sabem. Se a pessoa possuir esse valor para pagar à vista e que esse dinheiro não prejudique suas despesas fixas mensais no decorrer do mês, à vista é uma boa alternativa, entretanto, uma outra alternativa pode ser levada em consideração, com o dinheiro restante aplicado numa caderneta de poupança, por exemplo, daquele valor depositado corre-se juros e o aplicador acaba recebendo rendimentos, mesmo que poucos a curto prazo.

Outra questão apresentada aos discentes foi relacionada a financiamento. Nesse aspecto, apresentou-se o contexto e na sequência a questão. Você está planejando comprar uma casa financiada. E o governo



RELISE

245

anuncia que as taxas de juros podem ser reduzidas em breve. O que você faz? 48 alunos, ou seja, mais de 84% responderam que “aguardariam a queda dos juros”, porém 12,3% responderam que “essas informações não afetam ou influenciam a decisão”. Porém, nesse caso, esperar é a melhor situação, uma taxa de juros mais baixa, impacta positivamente no custo total financiado.

Nessa ocasião foi apresentado aos discentes uma situação hipotética, onde se gastou no cartão de crédito e quando chegou a data de vencimento da fatura, você não tinha todo o valor a pagar. Sendo assim, o que faria? Corretamente, mais de 68,4% responderam que “resgatariam o dinheiro aplicado na Caderneta de Poupança para pagar o total da sua fatura no vencimento”, 22,8% pagariam somente o mínimo da fatura e 7,0% pagariam a fatura total com atraso. Sabe-se que a taxa de juros cobrada, nesses produtos bancários é muito maior, que um rendimento de qualquer investimento. Assim, se você tem dinheiro aplicado e entrou em alguma pendência, o correto é resgatar essa aplicação e se livrar das dívidas. Vale ressaltar, que o atraso no pagamento da parcela do cartão de crédito é o meio que a maioria dos brasileiros se endivida.

Seguindo a linha de investigação visando concretizar essa questão em relação à rentabilidade de um investimento e a taxa de juros dos produtos bancários: “Você possui dívidas que vencem em 6 e 12 meses da data de hoje. O credor oferece um desconto de 5%, ao mês, para o pagamento à vista. Considerando que dispõe de saldo na caderneta de poupança (que rende 0,5% ao mês) para quitar a dívida à vista, o que você faz?” 33 alunos (57,5%) responderam que “retira o dinheiro da poupança e quita a dívida”, 13 (22,8%) “não aceitaria a proposta para pagamento à vista, pois não considera vantajosa”, 8 alunos (14,0%) “tentaria negociar um parcelamento da dívida” e 3 (5,3%) “não sabem”. De certo, a escolha mais racional é retirar o dinheiro da poupança, que rende 0,5%, ao mês e pagar a dívida à vista, cujo desconto é de 5% ao mês, uma vez que a taxa do desconto é superior à de rendimento da poupança.



RELISE

246

A pesquisa realizada confirma que a maioria dos respondentes demonstrou capacidade de tomar decisões financeiras mais vantajosas. Em situações apresentadas, eles mostraram preferência por não pagar juros ou pagar a menor taxa de juros. Isso sugere que os universitários têm uma abordagem racional em relação às decisões financeiras, reconhecendo que o fator emocional pode influenciar negativamente. Além disso, os estudantes perceberam que o conhecimento adquirido até o momento poderia levá-los a obter melhores resultados financeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal identificar o nível de conhecimento financeiro na perspectiva de graduandos. Investigou-se o tema junto a uma amostra onde a maioria era de jovens graduandos em Ciências Contábeis e Administração de uma universidade federal situada no interior do estado de Mato Grosso do Sul. Adotou-se de procedimentos de estatística descritiva, para compreender os dados coletados, por meio de um instrumento de pesquisa, semiestruturado, via *Google Docs*, junto aos discentes dos respectivos cursos. Sendo assim, a pesquisa é exploratória e classifica-se como *survey*.

Junto a um perfil na pesquisa, predominantemente de jovens, solteiros, empregados e com renda familiar de no máximo quatro salários-mínimos constatou-se um nível de conhecimento mediano. Destacam-se que a maioria busca conhecimento além dos oferecidos pela graduação, lê ou vê matéria sobre economia, investimentos e finanças pessoais, acompanha a taxa selic e de inflação, os índices IPCA ou IGP-M, organiza o orçamento mensal, pretende aprender mais sobre finanças, e diz que investir é melhor do que poupar.

Como resultado da pesquisa, destaca-se que foi identificado um perfil jovem para os alunos, por possuírem em sua grade curricular ao menos uma



RELISE

247

matéria sobre Finanças e Economia e, também, com a facilidade dos meios digitais de acompanhar o que acontece no meio econômico, ficou claro que o conhecimento em finanças é mediano.

Para futuras pesquisas, sugere-se dar prosseguimento à investigação do tema, educação financeira, por ser atual e está presente no dia a dia de todos. Deve-se procurar abordar o tema de diferentes formas e, assim, contribuir com o desenvolvimento de conhecimento.

REFERÊNCIAS

AMORIM, K. A. F. de; LUCENA, G. K. F.; GIRÃO, L. F. de A. P.; QUEIROZ, D. B. de. A influência da educação financeira na inserção dos investidores no mercado de capitais brasileiro: um estudo com discentes da área de negócios. **RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 567–590, 2018. DOI: 10.18593/race.v17i2.16834. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/race/article/view/16834>. Acesso em: 27 mar. 2023.

ANDRADE, J. P.; LUCENA, W. G. L. Educação Financeira: Uma Análise de Grupos Acadêmicos. **Revista Economia & Gestão**, v. 18, n. 49, p. 103-121, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2018v18n49p103-121>

ANZ BANKING GROUP. Pesquisa ANZ sobre alfabetização financeira de adultos na Austrália: relatório final. **ANZ Banking Group e Roy Morgan Research**. Melbourne: ANZ Bank, 2003.

BAPTISTA, M. N. **Metodologias de pesquisa em ciências: Análises quantitativa e qualitativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BAUMAN, Z. **Vida a Crédito: conversas com Citlali Rovirosa- Madrazo**. Tradução Alexandre Wernek. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BUAES, C. S. Educação Financeira com Idosos em um Contexto Popular. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 105-127, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/46496>. Acesso em: 27 mar. 2023.



RELISE

CAPRONI, I. A importância da educação financeira na formação do educando. **Revista pedagogia em foco**, 8, 48-55, 2013.

CARVALHO, L. A.; SCHOLZ, R. H. 'Se Vê o Básico do Básico, Quando a Turma Rende': Cenário da Educação Financeira no Cotidiano Escolar. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 6, n. 2, p. 102-125, 2019.

CNC. **Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo**. Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC). Disponível em: <<http://www.cnc.org.br/central-do-conhecimento/pesquisas/perfil-regional-de-endividamento-e-inadimplencia-em-2020>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

CHINELATTO NETO, A. **Relações entre crédito e crescimento econômico no Brasil, 2000 a 2006**. 2007. 101 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007. Cap. 1. Disponível em: . Acesso em: 14. Out. 2021.

CORDEIRO, N. J. N.; COSTA, M. G. V.; SILVA, M. N. da. Educação financeira no Brasil: uma perspectiva PANORÂMICA. **Ensino da Matemática em Debate**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 69–84, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emd/article/view/36841>. Acesso em: 27 mar. 2023.

CRESWELL, J. W. **O projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DAU, G. **A importância da Educação Financeira no cenário brasileiro**. 27 jan 2021. Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/a-importancia-da-educacao-financeira-no-cenario-brasileiro/> Acesso em: 15 out. 2021.

DIAS, E. P.; SANTOS, M. D. A Importância da Educação Financeira nos Conteúdos Curriculares dos Cursos. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v. 11, n. 2, p. 3167-3188, 2020.

DOMINGOS, R. **Terapia financeira: realize seus sonhos com educação financeira**. São Paulo: DSOP: Educação Financeira, 2012.

FELIPE, I. J. S.; CERIBELI, H. B.; LANA, T. Q. Investigando o nível de alfabetização financeira de estudantes universitários. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, Joaçaba, v.16, n.3, p.845-866, 2017.



RELISE

FERNANDES, A. H. S.; CANDIDO, J. G. Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, São Bernardo do Campo, v.5, n.2, p.894-913, 2014.

FRISANCHO, V. The impact of financial education for youth. **Economics of Education Review**, V.78, Out 2020. Doi. <https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2019.101918>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, T. M.; IGLESIAS, T. M. G. Educação Financeira: Um Estudo Comparado entre os Estudantes do Ensino Médio de um Instituto Federal de Minas Gerais. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 11, n. 1, p. 94-111, 2021.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. **Prospect Theory: Na Analysis of Decision Under Risk**. **Econometrica**, March, V. 47, n. 2, 263 – 291. 1979.

MACHADO, P. **Tão jovens e já inadimplentes: 25% com nome sujo tem de 18 a 30 anos**. 30 de jul de 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/t%C3%A3o-jovens-e-j%C3%A1-inadimplentes-25-da-popula%C3%A7%C3%A3o-com-nome-sujo-tem-de-18-a-30-anos-1.731060> Acesso em: 15 out. 2021.

MATOS, O. C. de. **Desenvolvimento do sistema financeiro e crescimento econômico no Brasil: evidências de causalidade**. Brasília, Trabalhos para Discussão do Bacen, 49. Set/2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000174&pid=S0101-4161200600040000500023&lng=em Acesso em: 14 out. 2021.

MCCORMICK, M. J. The Effectiveness of Youth Financial Education: A Review of the Literature. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 20, n.1, 2009.

MEDEIROS, F. S. B.; LOPES, T. A. M. Finanças pessoais: um estudo com alunos do curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria/RS. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v.7, n.2, p.221-251, 2014.



RELISE

250

MELO, J. M.; MOREIRA, C. S. Educação financeira pessoal: Um estudo com discentes de ciências contábeis. **Revista de Contabilidade e Controladoria**, v. 13, n. 2, p. 151-169, 2021.

MINELLA, J. M.; BERTOSSO, H.; PAULI, J.; CORTE, F. D. C. A Influência do Materialismo, Educação Financeira e Valor Atribuído ao Dinheiro na Propensão ao Endividamento de Jovens . **Revista Gestão & Planejamento** , v. 18, n. 1, p. 182-201, 2017.

PELICIOLO, A. F. **A relevância da educação financeira na formação de jovens** - Porto Alegre, 2011. 136f.

RIBEIRO, S. P.; RIZZO, M. R.; SCARAUSI, V. G. S. Educação financeira sob a ótica da análise bibliométrica embasada no portal SPELL. **Revista Brasileira de Administração Científica**, v.11, n.3, p.34-44, 2020. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-684X.2020.003.0003>.

SALLEH, A. M. H. A. P. M. A comparison on financial literacy between welfare recipients and non-welfare recipients in Brunei. **International Journal of Social Economics**, 42(7), 598-613, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1108/IJSE-09-2013-0210>.

SANTOS, D. B.; NETTO, H. G. Analfabetismo Financeiro e Histórico de Crédito do Cliente. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 22, n. nd, p. 421-436, 2020.

SELEME, L. D. B. **Finanças sem complicação**. Curitiba: Ibpex, 2012.

SERASA. Mapa da Inadimplência e Negociação de Dívidas no Brasil. Abril 2023. Disponível em: <https://cdn.builder.io/o/assets%2Fb212bb18f00a40869a6cd42f77cbeefc%2F393a176ff65841abab7e091a3a6b7a9e?alt=media&token=afb3e1a0-b10a-4ff9-ae3a-8554711f8e5f&apiKey=b212bb18f00a40869a6cd42f77cbeefc>. Acesso em: 30 mai. 2023.

SILVA, C. L.; SILVA, J. G.; SILVA, D. C.; OLIVEIRA, L. D. M. Educação financeira e o comportamento do consumidor: um estudo com jovens de Ituiutaba/MG . **Revista de Administração da Unimep**, v. 19, n. 5, p. 314-334, 2021.

SILVA, J. T. L.; SOUZA, D. A.; FAJAN, F. D. **Análise do endividamento e dos fatores que influenciam o comportamento de alunos universitários**. In: XII



RELISE

251

Simpósio em Gestão e Excelência e Tecnologia, Resende. Anais do SEGeT, 2015.

SILVA, T. P.; MAGROA, C. B. D.; GORLA, M. C.; NAKAMURAB, W. T. Financial Education Level of High School Students and its Economic Reflections. **RAUSP Management Journal**, v. 52, n. 3, p. 285-303, 2017.

SOARES, M. M.; MELO SOBRINHO, A. D. de. **Microfinanças: o papel do Banco Central do Brasil e a importância do cooperativismo de crédito**. Brasília: Bacen, 2007.

SOBIANEK, P. S.; BARROCAS, L. V. C.; ARAÚJO, T. S.; RIBEIRO, S. P.; TISOTT, S. T. Educação financeira: análise do conhecimento e atitudes financeiras na ótica dos estudantes de ensino médio. **RC&C. Revista de Contabilidade e Controladoria**, v. 13, n. 3, p. 23-46, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v13i3.78965>.

SOUSA, M. A. B.; OLIVEIRA, A. L. L.; FRASNELL, R. S.; CARRARO, N. C.; TISOTT, S. T. Um Estudo a Respeito da Educação Financeira dos Acadêmicos dos Cursos de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. **Interface - Revista do Centro de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 16, n. 2, p. 52-70, 2019.

SPC. Serviço de Proteção ao Crédito. **Indicadores Econômicos**. Disponível em: <<https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/indices/53-inadimplenciaencerraabrilcomaltarecordede860apontaspcbrasil>>. Acesso em: 23 mai.2023.

TORRES FILHO, E. T. Ensaio sobre Economia Financeira. In: Ernani Teixeira Torres Filho. **Mecanismos de Direcionamento do Crédito, Bancos de Desenvolvimento e a Experiência Recente do BNDES**. Rio de Janeiro: BNDES. 2009. Cap 1, p. 48.

TREVISAN, R.; MELLO, F. P.; SILVA, T. M.; CERETTA, P. S.; VISENTINI, M. S. A importância da aprendizagem de noções de finanças no ensino médio de Santa Maria/RS. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.01-17, 2007.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**, Piracicaba, v.9, n.3, p.61-85, 2011.